

## QUESTÕES SOBRE AVALIAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Silvia Sell Duarte Pillotto (Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)  
Letícia T. Coneglian Mognol (Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)

*Resumo: A pesquisa “Processos de avaliação em arte: da formação superior ao ensino básico” está sendo realizada na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, e pretende investigar os processos de avaliação, como são desenvolvidos, quais critérios norteiam esses processos e quais os aspectos epistemológicos do ensino das artes visuais permeiam o campo da avaliação. A metodologia da referida pesquisa segue uma linha qualitativa, com observação in lócus, entrevistas e questionários, a fim de identificar as atuais práticas avaliativas.*

*Palavras-chave: avaliação; ensino e aprendizagem; arte na educação.*

*ABSTRACT: The research “Evaluation processes in art: from superior formation to the basic teaching” is being carried out at the University of the Region of Joinville – UNIVILLE, and intends to investigate the evaluation processes, how they are developed, which criteria guide these processes and which epistemological aspects of the visual art teaching permeate the field of evaluation. The methodology of the mentioned research follows a qualitative line, with in locus observations, interviews and questionnaires, in order to identify the current evaluative practices.*

*Key words: evaluation; teaching and learning; art in education.*

### Introdução

A partir do Tema “Dinâmicas epistemológicas em Artes Visuais” proposta no XVI Encontro Nacional da ANPAP, este artigo pretende abordar algumas questões relacionadas aos processos avaliativos em artes visuais, desenvolvidos em pesquisa na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Santa Catarina.

Entendemos que a avaliação permeia indagações que serão discutidas nesse Fórum, e que transitam no campo das questões epistemológicas das artes visuais. Para iniciar nossas reflexões, apontamos os seguintes questionamentos:

→ O que caracteriza hoje os processos de avaliação em artes visuais no contexto educacional?

→ Como os aspectos epistemológicos estão inseridos nesse contexto?

Durante o ano de 2006, o processo de pesquisa teve como objetivo aprofundar questões teóricas referentes a avaliação de forma ampla e mais especificamente em artes visuais. Esses estudos e reflexões se deram no

contexto do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE, o que contribuiu para ampliar os conceitos sobre a compreensão deste objeto de investigação.

No ano de 2007, um dos aspectos primordiais dessa pesquisa tem sido tecer o mapeamento do cenário das práticas avaliativas em artes visuais no contexto do ensino básico em Joinville, SC. Esse mapeamento está sendo construído a partir da abordagem metodológica de pesquisa qualitativa com enfoque etnográfico e análise documental.

### Aspectos Conceituais e Epistemológicos

Até o momento, os conceitos apropriados nessa pesquisa tem se fundamentado em autores, como: Hernandez (1998/2000), Estebán (2003/2005), Firme (1994), Hoffmann (2003), Vianna (1999), Boughton (2005), Zimmerman (2005), Barbosa (2005), Eisner (1998), Sacristán (1998), Eflan (2005), Canen (1997), entre outros. Esses autores apontam para uma abertura conceitual, metodológica e ético-política. Porém, o atual contexto ainda compreende avaliação como mecanismo de controle, medidas de êxito ou fracasso, com ênfase classificatória.

O avanço das concepções burocrática para a democrática pressupõe reflexões mais amplas sobre a construção do conhecimento, novas formas de aprendizagens, processo formativo, entre outros.

Segundo Firme (1994) a primeira geração da avaliação é a de mensuração. Desta forma, não se diferenciam avaliação e medida. O objetivo é classificar e determinar progressos rivalizados por técnicos avaliadores através de elaboração de instrumentos e testes eficientes.

Na década de 1930 Tyler (1949) aponta para procedimentos de avaliação, tais como: inventários, escalas, lista de registros de comportamento, questionários para coletar informações referentes ao desempenho dos alunos a partir de objetivos curriculares, cuja concepção reflete-se até hoje nos processos avaliativos. O mesmo autor, em sua obra “Princípios básicos de currículo e ensino” (1949), projeta a idéia de avaliação por objetivos e a caracteriza como procedimento que permite verificar se os objetivos estão sendo atingidos pelo programa de ensino.

A segunda geração de avaliação, segundo Firme (1994) é a descritiva, pois só oferecia informações e dados objetivos sobre os programas escolares.

A terceira geração está centrada no julgamento, que supõe a necessidade de juízo de valor, em que não basta apenas medir e descrever, mas também julgar sobre o conjunto de todas as dimensões do desempenho dos alunos em face dos objetivos educacionais propostos. Percebe-se então que a proposição de Tyler está presente em todas essas gerações.

Na década de 1990, surge a quarta geração de avaliação, cuja característica principal é a negociação. O consenso é buscado entre pessoas com diferentes valores, respeitando-se os dissensos identificados, num processo interativos e negociados. É para a autora uma abordagem madura que vai além da ciência porque capta também os aspectos humanos, políticos, sociais, culturais e éticos envolvidos no processo de avaliação.

Abramovicz (1996) propõe uma visão crítica e humanista de avaliação, centrada em experiências e necessidades dos alunos, reconhecendo-os como sujeitos do processo em um contexto sócio, político e cultural mais amplo. Aspectos referentes a intersubjetividade e a contextualização das relações concretas delineiam cenários das discussões atuais na área da avaliação.

Também Sacristán (1998) considera imprescindível um esforço por parte da escola, dos professores e dos alunos para que não haja separação dos tempos, espaços, modos e sujeitos de ensinar e aprender. Segundo o autor, essa separação desintegra-se da aprendizagem perdendo seu valor formativo no diálogo crítico entre professores e alunos. Na visão de Freire (1997, p. 3) as práticas escolares não devem estar centradas no foco quantitativo, afirmando que:

Dar notas é uma expressão da avaliação. Se você tira notas (4,5 ou 6) e coloca letras (A, B ou C) é a mesma coisa. O que não é possível para mim é deixar de atribuir o arbítrio do professor, mas não negar a necessidade de uma certa valoração à prática do aluno. É preciso democratizar a avaliação, em que você, como professor, discute com os educandos a melhor maneira de avaliar o seu trabalho e dos alunos.

Ainda para o autor, um importante papel que todos nós temos é o de “[...] lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que-fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o ‘falar-a’ como caminho do ‘falar-com’”.(FREIRE, 1997, p. 131). O autor, portanto, preconiza uma avaliação que não se exima de seu papel questionador e investigativo. Desta forma, avaliar as construções de conhecimento dos alunos, não implica apenas no ato de somar e dividir notas, fragmentando o aprendizado e colocando-o a serviço de resultados e do julgamento do professor.

Vale considerar que a avaliação não é um processo isolado do currículo, das ações de planejamento e de olhares multidimensionais. Luckesi (1997, p. 33) sobre esta questão afirma que “a avaliação é uma atividade que não existe nem subsiste por si mesma”. Portanto, professor e aluno, poderão identificar os caminhos já percorridos no ensino e aprendizagem, bem como os pontos críticos, aqueles que necessitam de maior reflexão e tomada de decisão para desencadear em novas ações significativas.

Para Canen (1997) um dos caminhos possíveis para o desenvolvimento da avaliação é a diagnóstica, realizada no contexto presente com vistas ao futuro, ou seja, é um processo de construção permanente, que favorece a investigação e o questionamento sobre as ações realizadas, tanto pelo professor quanto pelo aluno.

A avaliação nessa perspectiva deve estar em permanente compromisso com a fazer docente e com a aprendizagem do aluno em um processo contínuo que é complexo e que envolve ao mesmo tempo elementos objetivos e subjetivo.

Elliot Eisner (1998), importante teórico da arte na educação vem dedicando seus estudos também as questões sobre avaliação. Entende que esta deve estar vinculada ao contexto sócio-cultural dos alunos e que as práticas avaliativas sofrem influencia dos conceitos teóricos e metodológicos apropriados pelos professores e pelos pressupostos filosóficos da escola.

Boughton (1996), teórico que também tem pesquisado sobre as questões avaliativas em arte indica um processo democrático em que o foco

esteja centrado no desenvolvimento cognitivo, perceptível e sensível do aluno, rompendo com a idéia de avaliação redutora e fragmentada.

Barbosa (2005), tem apontado questões relacionadas sobre avaliação no ensino da arte e sua história e nessa trajetória nos deixa claro a importância de três aspectos que dão sustentação teórico-metodológica a construção de conhecimento e produção de sentidos em arte: os processos de leitura, o fazer artístico e a contextualização, que diz respeito às articulações históricas, sociais, artísticas, estéticas e culturais.

Pensando sobre a complexidade que envolve esse tema no campo de artes visuais, ressaltamos alguns aspectos que merecem ser considerados. Se de maneira geral os conceitos de avaliação estão relacionados a atribuição de notas, a testes e a mensuração, no campo da arte na educação se refere a julgamentos sobre o aprendizado relativo a um processo de produção artística.

Ao se refletir sobre o processo de julgamentos e valores em avaliação, não há como se desviar de questões centrais que norteiam a arte na educação contemporânea, apontadas especialmente por Boughton (2005) e Efland (2005), que desafiam as ortodoxias tradicionais, quais sejam:

- a) A qualidade de produção de imagens – quais imagens são selecionadas pelo professor de arte para o contexto da sala de aula? De que forma essas imagens interferem na produção artística dos alunos?
- b) A relação da arte com o contexto – Até que ponto se percebe as relações do contexto sócio-cultural na produção da arte e de que forma essa leitura infere nas produções do aluno?
- c) As relações entre arte popular e as belas artes – Como dialogar entre o popular e a produção erudita no contexto da arte na educação? E como isto está presente como representação cultural nas produções dos alunos?
- d) A influência das novas tecnologias na produção artística contemporânea – Como é possível incorporar e associar as tecnologias aos processos artísticos no contexto da arte na educação?

- e) As questões de gênero – Como abordar as questões contemporâneas, como: classe, étnica, gênero, mestiçagem, arte das minorias, preconceitos, conflitos, etc.

Nesse sentido, não é possível levantar questões sobre avaliação em arte sem deixar de considerar as questões centrais que vem a tona nessas reflexões.

Pesquisas internacionais na área (Boughton – 2005, Zimmermann – 2005), enfatizam a importância da *avaliação formadora*, na qual os alunos analisam seu próprio desempenho por meio de autocrítica, além da produção de pastas de atividades, reflexões, diálogo entre professor e aluno, exposição de trabalhos, ensaios, fotografias e outros registros, como fonte de análise para o processo de avaliação. Essas questões merecem ser consideradas e demandam contínuos debates no âmbito da epistemologia da arte na educação.

Vale considerar que essas reflexões são preliminares e que o processo de pesquisa de avaliação em arte terá continuidade em 2007 e 2008, trazendo novos referenciais para esse debate, após análise e interpretação de dados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICZ, M. *Avaliando a avaliação da aprendizagem: um novo olhar*. São Paulo: Lumem, 1996.

BARBOSA, A M. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BOUGHTON, d. *Avaliação: da teoria a prática*. In: BARBOSA, Ana M. (Org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

CANEN, A. *Avaliação diagnóstica: uma escola democrática*. Texto escrito para a série Programa “Um salto para o futuro”. TVE. Rio de Janeiro, 1997.

EFLAN, A. *Imaginação na cognição: o propósito da arte*. In BARBOSA, A M. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

EISNER, E. W. *Educar la visión artística*. Buenos Aires: Paidós, 1995.  
\_\_\_\_\_. *El ojo ilustrado*. Buenos Aires: Piados, 1998.

FIRME, T.P. *Avaliação: Tendências e tendenciosidades: ensaios, avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro: V.1, N.2, p.5-12, Jan/Mar, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São

Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOFFMANN, J. *O cenário da avaliação no ensino de ciências, história e geografia*. In: SILVA, J.; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M.T. (Orgs.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre. Mediação, 2004.

HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo. Cortez, 1997.

SACRISTÁN, J. G. *Avaliação do ensino*. In: *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZIMERMANN, E. *Avaliação autêntica de estudantes de arte no contexto de sua comunidade*. In: BARBOSA, Ana M. (Org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

Silvia Sell Duarte Pillotto: Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná; Professora no curso de Artes Visuais na Universidade da região de Joinville; Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação; Organizadora do livro “Processos curriculares em arte: da universidade ao ensino básico” (2005).

Letícia T. Coneglian Mognol: Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí; professora no curso de Artes Visuais na Universidade da região de Joinville; pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação.